

Informativo



Publicação trimestral da Fundação Catarinense de Educação Especial | n° 1 | ano 1 | Out/Nov/Dez de 2012



FCEE recebe consultoria para o desenvolvimento institucional

Assessoria de professor cubano têm como objetivo propor alterações na estrutura e funcionamento das Gerências vinculadas à Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão (Depe) e dos Centros de Atendimento Especializados subordinados a ela. **Páginas 8 e 9** ▶

Libras Brincando: FCEE oferece software de apoio pedagógico gratuito para escolas públicas. **Pág. 2** ▶

Histórias de guerreiras: confira o relato de três servidoras que venceram a luta contra o câncer de mama. **Pgs. 6 e 7** ▶

Tecnologia e inclusão: conheça os serviços oferecidos pelo Centro Tecnológico de Educação Especial. **Pgs. 10 e 11** ▶



Entrevista: Maria das Graças Moukarzel fala do trabalho no Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação. **Pgs. 4 e 5** ▶



Palavra da Presidente

A Fundação Catarinense de Educação Especial desenvolve um trabalho fundamental para as pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação do nosso Estado. Este trabalho dignifica e preserva os direitos adquiridos pela Constituição Federal a todos os Brasileiros, portanto nos sentimos ainda mais responsáveis no sentido de garantir estes direitos para alcançarmos uma sociedade mais justa, humana e igualitária.

Desejamos a todos e a todas muita paz, saúde, forças e amor. Feliz natal e um ótimo 2013!

Rose Bartuchski, Presidente da FCEE



A Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE) agora conta com uma página no Facebook, criada com objetivo de divulgar as ações da instituição e fomentar o debate acerca de temas relacionados à educação especial. Se você já possui perfil nessa rede social, basta "curtir" a página da FCEE para passar a receber atualizações em seu mural. Acesse o endereço <http://www.facebook.com/pages/Fundação-Catarinense-de-Educação-Especial-FCEE/444425595599380> ou clique no banner "Página da FCEE no Facebook" que se encontra no lado direito do site da Fundação (<http://www.fcee.sc.gov.br>).

FCEE disponibiliza software gratuito para o ensino de Libras

Já está disponível para acesso em escolas públicas municipais e estaduais de Santa Catarina o software educacional online Libras Brincando, projeto desenvolvido pela FCEE em parceria com a empresa de tecnologia Númera. Por meio de jogos, com personagens e animações, o Libras Brincando tem como objetivo apoiar professores no ensino da língua de sinais para crianças de 4 a 8 anos. Para utilização do software não é preciso conhecimento prévio em Libras ou mesmo em português.

Patrícia Amaral, coordenadora do Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento as Pessoas com Surdez (Cas), ressalta a integração que o software pode proporcionar em sala de aula. "A criança é atraída pela tela do computador, pelos jogos coloridos, o que estimula também os ouvintes a aprenderem a língua de sinais, por serem curiosos e quererem se comunicar com os colegas surdos. Já os alunos com surdez podem se sentir valorizados por terem uma atividade na língua deles e, assim, sentirem-se parte da sala de aula e da sociedade".

O lançamento oficial aconteceu em setembro, no auditório da FCEE. A iniciativa é inédita no país e deve

Libras Brincando

O PRODUTO | ATIVIDADES | AJUDA | CONTATO | CADASTRO

Libras Brincando

Acesso ao JOGO | Acesso à Área de Controle

O que é Libras Brincando?

- Apoio ao Ensino da Libras**
A Língua Brasileira de Sinais - Libras - é uma língua visual-espacial com organização em todos os níveis gramaticais, seja fonológico, morfológico, sintático ou pragmático. O Libras Brincando possibilita o ensino da Libras.
- Jogos Educativos**
O Libras Brincando oferece uma coleção de jogos educativos que propõem uma maneira divertida de aprender. As crianças ficam motivadas e criam hábitos de persistência em desafios e tarefas. Os alunos aprendem por meio
- Relatório para os Professores**
O ambiente de controle do Libras Brincando permite o acompanhamento por parte dos professores e diretores de escolas. Seus relatórios possibilitam analisar o aprendizado individual de cada aluno e o rendimento de uma

atender uma parcela dos mais de mil alunos surdos matriculados na rede pública de ensino no estado, além de seus colegas de sala. Para utilizar o software as escolas precisam efetuar um pré-cadastro no site www.librasbrincando.com.

Projeto capacita profissionais para identificação de crianças com atraso no desenvolvimento em Palhoça

A estimativa é que cerca de 650 servidores, entre agentes comunitários, professores da educação infantil e especial, sejam capacitados para a realização de triagem e encaminhamento

A FCEE, com apoio do 1ª. Promotoria de Justiça da Comarca de Palhoça (SC), implantou neste ano um projeto piloto para identificar atrasos no desenvolvimento neuropsicomotor em crianças de zero a três anos de idade no município. O objetivo é que, ao final do projeto, cerca de 650 servidores, entre agentes comunitários, professores da educação infantil e da educação especial, estejam capacitados para a realização de triagem e encaminhamento de crianças com possíveis indicadores de atraso para atendimento especializado. Os dados coletados nesse trabalho vão servir de estudo para a Fundação e resultarão em um mapeamento do município.

A implantação do projeto foi acordada no mês de agosto, em audiência realizada com o promotor de justiça Aurélio Giacomelli da Silva, da qual participaram representantes da FCEE e das Secretarias de Educação e de Saúde de Palhoça. O município comprometeu-se em liberar os profissionais para a participação nos cursos, que contemplam noções básicas de desenvolvimento, sinais de alerta e instruções para o preenchimento do protocolo de triagem, além de orientações para o encaminhamento aos serviços de estimulação do município, sejam eles vinculados à saúde ou à educação.

Idealizador do projeto, Sérgio Otávio Bassetti, psicólogo e articulador de grupo de trabalho da Gerência de Capacitação, Extensão e Articulação (Gecea) da FCEE, destaca que a proposta faz parte de uma ideia maior, a de repensar a função da Gecea. "Queremos que esta Gerência proponha mais projetos de extensão e articulação com entidades públicas e privadas". Ele conta que durante seu período de atuação no Centro de Reabilitação Ana Maria Philippi (Cener) da Fundação percebeu que muitas crianças acabavam sendo identificadas com atraso muito tardiamente. "Isso nos fez pensar em um projeto para ser posto em prática em um dos municípios da Grande Florianópolis que possibilitasse a identificação precoce", explica.

Além das observações e pesquisas realizadas na FCEE, as estatísticas em âmbito estadual justificam a criação de um projeto como este. "Dados do IBGE de 2010 indicam que 24% da população de SC tem algum tipo de deficiência, ou seja, quase um milhão e meio de pessoas. É muita gente. Palhoça, de acordo com o mesmo Instituto, tem um contingente populacional de 135.720 mil habitantes e, destes, 39.891 tem algum tipo de deficiência, o que representa 29% da população". O psicólogo explica ainda que, mesmo considerando controversa a metodologia utilizada pelo IBGE para chegar a esses números, os dados devem ser

considerados, pois é a partir deles que o governo traça políticas públicas.

"Esse grande número de pessoas com deficiência apontado pelas pesquisas é um indicativo de que os governos têm se preocupado pouco com a prevenção primária (feita antes que o fato ocorra, por meio de medidas como pré-natal, ações de prevenção de acidentes, etc.) e secundária (que age antes que o quadro se agrave)". Segundo Sérgio, a identificação precoce é muito importante porque medidas de baixo custo tomadas na fase de desenvolvimento da criança podem evitar diversos tipos de sequelas.

Os protocolos enviados pelos profissionais da saúde e educação participantes do projeto serão analisados pela FCEE e, de acordo com os resultados apresentados, o estudo poderá identificar a necessidade de uma readequação das políticas públicas relacionadas ao atendimento das crianças com dificuldades de desenvolvimento no município.

Profissionais da educação já foram capacitados

Entre os meses de outubro e novembro, 335 professores da rede municipal de Palhoça foram capacitados pela FCEE, por meio de um curso preparatório realizado na Faculdade Municipal de Palhoça. Um dos destaques desta capacitação foi a apresentação ao Guia Portage de Educação Pré-escolar, instrumento a ser utilizado para identificar os atrasos. Trata-se de um inventário de comportamento humano, composto por um manual de treinamento e um conjunto de 580 fichas de ideias e estratégias de intervenção.

O Portage surgiu nos Estados Unidos na década de 70, devido à necessidade do governo de identificar atrasos no desenvolvimento de crianças da zona rural por meio de um instrumento que pudesse ser manipulado por qualquer profissional ou mesmo membro da família. Desde então, o guia foi testado e aprimorado para aplicado nas escolas, instituições e lares.

Solange de Souza, professora do Centro de Reabilitação Ana Maria Phillipi (Cener) da FCEE, conta que o guia é utilizado pelas equipes de Estimulação Essencial I e II do Centro desde 2009. Serve como ferramenta de avaliação inicial e processual, além de guia de sugestões e atividades, e é encaminhado à família, à escola e ao serviço especializado que a criança frequenta com o objetivo de fazer com que todos os que estão envolvidos possam acompanhar e estimular o seu desenvolvimento.

A próxima etapa do projeto é a capacitação dos agentes de saúde, que já começou a ser realizada em dezembro.



Maria das Graças Moukarzel

A pedagoga que atua no Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (Naah/s) recebeu neste ano, do Governo do Estado, a Medalha de Mérito Funcional Alice Guilhon Gonzaga Petrelli. “Fiquei muito honrada por ter sido escolhida pelos meus colegas. Mesmo acreditando que outras pessoas mereciam estar no meu lugar, isso que me deixa muito satisfeita. Fica da minha parte uma gratidão muito grande a esses que foram tão generosas em me apontar como alguém que pode ter deixado alguma contribuição aqui na Fundação”, conta Maria das Graças sobre como se sentiu ao saber que seria homenageada por seu trabalho e dedicação. Confira a seguir uma entrevista com esta servidora que está na FCEE desde 2002 e confessa ser completamente apaixonada pelo seu trabalho.

Qual sua função no Núcleo?

Trabalho como pedagoga no Naah/s, na Unidade de Atendimento ao Aluno, praticamente desde o início do Núcleo (o Naah/s foi implantado em 2006 e o atendimento em 2007). Em 2007 eu vim para cá e participei dos processos tanto de avaliação quanto de implantação dos diferentes serviços que hoje temos.

Conte um pouco da história do Núcleo.

Esse trabalho de atendimento às altas habilidades é um trabalho pioneiro em Santa Catarina. Nós tivemos algumas tentativas anteriores de implantar esse tipo de serviço nas décadas de 80 e 90, mas que não foram adiante. Tanto pelas concepções da época quanto pelas prioridades que as instituições têm que estabelecer para dar conta de seu compromisso social, sempre foram priorizados os atendimentos à pessoa com deficiência. Mas em 2006, para a nossa alegria, o MEC estabelece as diretrizes do atendimento às pessoas com altas habilidades no país e SC passa a

sediar o núcleo de Santa Catarina. Contudo, é um trabalho que vem se constituindo com muita dificuldade.

Quais as principais dificuldades encontradas?

A primeira dificuldade que tivemos e ainda persiste diz respeito à capacitação. A maioria dos profissionais que passaram pelo Núcleo e também a equipe atual não possui uma formação específica em altas habilidades. Ou seja, nós temos diversas especialidades, mas nenhuma voltada ao atendimento a crianças superdotadas.

Outra dificuldade que tivemos foi a rotatividade de pessoal. Todos os anos, ao longo dessa pequena história do Núcleo, sempre iniciamos nosso ano letivo com uma equipe diferente. Quando as pessoas começavam a compreender do que se tratava esse trabalho, precisavam sair. É por isso que neste momento temos muita expectativa em relação aos próximos anos, já que agora temos uma equipe formada por profissionais efetivos, o que nos dá uma tranqui-

lidade para pensar em ações de médio e longo prazo, para que juntos possamos consolidar uma proposta de trabalho nesta área.

Além disso, cito a própria dificuldade da sociedade em entender o que é a superdotação. Nós ainda temos uma visão de senso comum sobre as altas habilidades em geral. Ainda acredita-se que a pessoa superdotada é aquele gênio que aparece nos filmes, que apresenta muitas vezes comportamentos antissociais, ou alguém que tem uma grande capacidade de aprendizagem e de execução nas mais diferentes áreas. A realidade não é essa. A pessoa com altas habilidades não precisa necessariamente dominar várias áreas. Ela pode ter uma habilidade específica num determinado campo e nem sempre isso é reconhecido ou valorizado.

Qual o maior desafio do trabalho desenvolvido?

Precisamos não só identificar as habilidades, mas também criar as oportunidades para que essas crianças possam desenvolver as

suas aptidões, suas habilidades naturais e, a partir dessas habilidades, também contribuir para a sociedade. A gente entende que o bem maior que se faz com o atendimento ao aluno, criança ou jovem com superdotação, é a contribuição que essas pessoas podem dar para o desenvolvimento social, tecnológico, científico de uma nação. Pois são pessoas que têm ideias originais, que criam, produzem, satisfazem as necessidades dos demais em termos de criação, instrumentos, ferramentas, daquilo que o mundo precisa para dar conta de suas necessidades. A inteligência nas altas habilidades constitui um grande investimento econômico. Eu diria que essa é a maior riqueza do país.

Do começo do Núcleo para cá, você percebe alguma evolução do entendimento da sociedade em relação às altas habilidades?

Sim. Na medida em que a gente promove um atendimento, dissemina conceitos e isso torna-se conhecido, divulgado pelas pessoas e pela mídia, as demandas surgem, as famílias e as escolas passam a nos procurar, e a partir dessas demandas a gente vai ampliando essas possibilidades tanto de sensibilizar quanto de promover as oportunidades para essas crianças.

Apesar de pouco tempo, nós já percebemos uma diferença bastante grande no sentido de que as pessoas que nos procuram hoje, tanto os pais quanto as próprias escolas, como fazem a seleção desses destaques. Ou seja, as pessoas já começam a compreender o que são as altas habilidades. Hoje aparecem para nós, por exemplo, crianças que não são meramente acadêmicas. Houve um tempo no Núcleo que todas as famílias que nos procuravam eram famílias cujos filhos apresentavam um grande desempenho acadêmico, um potencial cognitivo bastante

alto. E percebemos que as crianças que apresentavam outros indicadores, fora desse nicho, quase não chegavam até nós. Hoje nós já temos. Isso mostra que as pessoas aprenderam a fazer essa diferenciação. Compreender que existe outra parcela da população que faz parte desse grupo, que nem sempre recebeu o devido reconhecimento tanto da escola, da família, da sociedade em geral.

E nem sempre os superdotados são aqueles que se destacam na sala de aula...

Sim, nem sempre os talentos são reconhecidos pela escola, especialmente aqueles que são criativos mas que não tiram as melhores notas. Nem sempre a escola dá condições para que a criança possa expressar seu talento, suas habilidades. Por isso a importância de buscarmos outros segmentos da sociedade para contribuir com as altas habilidades, pois a escola não consegue dar conta de tudo.

Quantas crianças já passaram pelo Núcleo, aproximadamente?

Já passaram no Naah/s para avaliação mais de 400 crianças. O grupo que fica é um grupo muito pequeno por conta da estrutura que nós temos. A diversidade de talentos é muito grande e obviamente não é um único local que tem que dar conta dessa diversidade. Por isso a importância da sensibilização da sociedade, das pessoas saberem do que se trata, para que também a gente crie parcerias, que se estabeleçam parcerias para que possa trabalhar com outros segmentos fora do espaço do Núcleo para dar conta do atendimento a toda a diversidade.

Quais as dificuldades em diagnosticar crianças com altas habilidades/superdotação?

É muito difícil dar um diagnóstico para crianças. Até porque no

momento em que atestamos que aquela criança tem altas habilidades, percebe-se que há uma cobrança excessiva, a ideia de que a pessoa é alguém perfeito, que não tem o direito de errar com os outros. É bastante complicado. Nós temos muitas questões a serem trabalhadas no Brasil nesse campo e uma delas é a questão jurídica.

Um exemplo de situação em que se esbarra na questão jurídica.

Primeiro, crianças que são avaliadas com habilidades acima da média de sua idade, e que poderiam estar em séries à frente. Porém, o processo de aceleração, de fazer com que a criança “pule” da 1ª para a 2ª série, por exemplo, é bastante complicado. Outro exemplo é dos alunos que passam em vestibulares concorridos sem concluir o ensino médio, e são impedidos de ingressar. Mas é claro que tem que haver critérios para tais situações especiais. É preciso estudar caso a caso, e isso demanda o amadurecimento muito grande da equipe, dos profissionais que trabalham com isso. Esse amadurecimento deve ser paralelo a um quadro teórico que precisa ser construído. Uma instituição de pesquisa precisa investir nos profissionais. Se não houver esse crédito, dificilmente nós vamos conseguir constituir para que a FCEE ocupe seu lugar na ciência, não apenas no social.

O que você espera para os próximos anos?

Eu espero que haja essa conscientização dos nossos governantes e dos profissionais em geral, especialmente os da educação. No sentido de prover as condições para que essas pessoas possam desenvolver em plenitude as habilidades que têm e colocá-las a serviço do bem comum. Há demanda social, sim, o trabalho está instituído, porém ainda não foram ainda fornecidas as condições que se espera quando estamos começando algo novo.

Histórias de guerreiras

Em outubro, mês no qual são realizadas campanhas de conscientização sobre a prevenção do câncer de mama no mundo inteiro, conversamos com mulheres que passaram pela doença e hoje são vencedoras.

O câncer de mama é tipo de câncer mais comum entre as mulheres e o segundo mais frequente no mundo. Segundo o Instituto Nacional de Câncer (Inca), as taxas de mortalidade por esta doença continuam elevadas no Brasil, muito provavelmente porque o diagnóstico ainda é realizado em estádios avançados. Em 2010, foi responsável por 12.852 mortes, sendo 12.705 mulheres e 147 homens, que também podem ser surpreendidos pela doença. Especialistas alertam as chances de cura são altas, mas dependem de três fatores: o estágio em que foi diagnosticado, a agressividade do tumor e o tipo do tratamento feito. Por isso a prevenção, feita a partir do diagnóstico médico precoce, é tão importante para vencer a doença. O ideal é que mulheres, a partir dos 35 anos, já façam o acompanhamento de rotina.

A ciência aponta fatores de risco para este tipo de câncer, ligados a aspectos hormonais, genéticos e idade. Assim, correm mais risco de desenvolvê-lo mulheres com idade avançada, com excesso de peso e com histórico familiar que pode indicar predisposição genética (parentes de primeiro grau antes dos 50 anos). Também estariam mais propensas, devido à longa exposição aos hormônios femininos, as mulheres que não tiveram filhos ou tiveram o primeiro filho após os 35 anos, não amamentaram, fizeram uso de reposição hormonal (principalmente estrogênio e progesterona associados), menstruaram muito cedo (antes dos 12 anos) e entraram mais tarde na menopausa (acima dos 50). No entanto, há casos de mulheres que desenvolvem a doença sem apresentar fatores de risco identificáveis.

A professora Márcia Terezinha Miranda, 34 anos, mãe de dois filhos (um menino de 11 anos e uma menina de dois) é um desses casos. Ela descobriu um caroço em uma das mamas por meio do exame de toque, durante o banho, quando tinha apenas 26 anos, idade em que casos de câncer de mama são considerados raros. “Logo procurei a ginecologista, que solicitou uma punção para ver o que era”. Para o tratamento, Márcia conta que passou por sessões de radioterapia e quimioterapia, além da mastectomia total, nome da cirurgia de remoção completa da mama. Hoje, ao lembrar os momentos pelos quais passou, Márcia aconselha as mulheres a conhecerem e cuidarem de seus corpos, dando atenção a qualquer dor ou anormalidade. E para as que descobrem que têm a doença, diz para não temerem o tratamento. “Por vezes eu pensei em desistir, principalmente durante a quimioterapia. A radioterapia foi muito tranquila, mas a quimio foi muito difícil. Muitas vezes eu não queria ir. Mas não dá pra desistir”.

O tratamento do câncer de mama é uma missão multidisciplinar e envolve mastologista, oncologista, radioterapeuta ou quimioterapeuta, além de psicólogo e fisioterapeuta. É a somatória e combinação desses elementos que leva ao sucesso do tratamento. Mas outros elementos além da medicina convencional também são levados em consideração pelas mulheres em busca de força e motivação para vencer a doença.

“Junto à quimioterapia, fiz um tratamento paralelo. Foi acupuntura e

tratamento com o Centro de Apoio ao Paciente com Câncer (CAPC) do Núcleo Espírita Nosso Lar, no bairro Forquilha (São José, SC). Lá é um lugar que te dá muita força. É como um hospital, você fica internado, marca retornos. Tem muitos médicos, você assiste a palestras, faz uma cirurgia espiritual, terapias alternativas, massagens, reiki, cromoterapia, terapia com argila. Foi onde convivi com outras pessoas passando pelo mesmo problema e me dei conta da situação em que estava passando”, conta a fonoaudióloga Mísia Braga Farah, 50 anos, que descobriu o câncer de mama com 45. Além da acupuntura e do tratamento espiritual no CAPC, durante a luta contra a doença Mísia também praticava ioga. “A ioga já me acompanhava há anos. Mas durante o tratamento do câncer pratiquei uma ioga especial, restaurativa”.



Mãe de dois filhos, que na época tinham 8 e 9 anos, Mísia associa a sua vitória contra a doença ao diagnóstico precoce e aos procedimentos tomados no tempo certo. “Descobri através de um exame de rotina. Não sou uma pessoa que costuma ficar procurando doença, mas um médico que sempre vou é o ginecologista, que solicitava exames anuais. Neste ano ele tinha solicitado um ultrassom. Então a médica que fez o exame achou um pequeno caroço e pediu para fazer uma punção. Descobri depois, em consulta com o mastologista, que era um tumor pequeno, localizado, mas precisava operar”. Entre a descoberta e a cirurgia, a fonoaudióloga conta que se passou cerca de um mês. “Nesse estágio eu não tinha nenhum sintoma, dor, nada. Fiz todos os preparatórios até a cirurgia de mastectomia total (o médico achou melhor tirar toda a mama, para diminuir os riscos). O

esse direito. Mas eu não quis ficar em casa. Vou me aposentar por tempo de serviço e, quando a aposentadoria chegar, a minha ideia é trabalhar como voluntária no CAPC. Acho muito triste ver que muita gente trabalha esperando os dias para a aposentadoria. É algo que me marcou muito, ver algumas pessoas batendo ponto e dizendo 'menos um dia pra minha aposentadoria'. A vida está aqui, é agora. Não podemos ficar aqui só esperando 'o dia', isso é horrível. Você precisa fazer o que gosta, ou melhor não fazer”.

A emoção é comum entre os depoimentos dessas mulheres que passaram por momentos delicados em suas vidas. A professora Márcia Cristina Martins, 41 anos, mãe de uma filha de 11 anos, não é exceção. “Acho que todo mundo que passa por uma doença dessas fica mexida também. Perdi meu pai com câncer,

retorna, fica ativa novamente. Nesses casos, o comportamento do tumor e risco é, no mínimo, igual ao da primeira vez e, ao retornar, as células cancerosas muitas vezes já crescem com defesas contra o tratamento empregado anteriormente. “Na segunda recidiva fiz a mastectomia total. Esse processo traumático das cirurgias (foram cinco em apenas dois anos) ainda mexe muito comigo”.

Ao passar por todo esse processo de sucessivas cirurgias e tratamentos, Márcia conta que nunca perdeu a esperança e a fé na cura. “Desde o início eu sabia que ia ficar boa. Ficava sabendo o que tinha que fazer no tratamento e pensava, 'vamos lá'. Acho que a gente vem nesse mundo para viver o que a gente tem que viver, e vamos passar por isso. Não dá pra ter autopiedade, mas ser guerreira: 'eu vou lá, eu vou fazer, eu vou me tratar e eu vou ficar boa'. Porque se

“ Quando descobri, pensei: como está acontecendo comigo poderia acontecer com qualquer pessoa. Não dá pra ter autopiedade. Acho que as pessoas não podem desanimar, se desesperar. ”
Márcia Martins

primeiro médico que me atendeu disse que se não tivesse feito tudo tão rápido, o tumor poderia ter se espalhado, pois era invasivo, e eu teria mais complicações”.

Mísia conta que hoje cuida muito da alimentação e mantém uma rotina de exercícios, continua praticando ioga, corrida e caminhada. “A gente tem que ter fé, acreditar que vai passar. É difícil. A primeira coisa em que pensei quando recebi o resultado foi 'não posso morrer, meus filhos não podem ficar sem mãe'. Isso me deu muita força. Pensei que tinha que fazer, continuar, que ia ficar bem. Sempre acreditei muito no tratamento espiritual. E hoje estou super bem”.

Ao ficar dois anos afastada, Mísia conta que, após recuperar-se e aproveitar para ficar com os filhos, começou a sentir muita falta do trabalho. “Quando voltei, muitas pessoas me questionaram por que eu não havia me aposentado, já que tinha

tenho um irmão agora com câncer. Então mexe bastante ainda comigo” Ela conta que tem um quadro genético de câncer muito forte na família. De dez irmãs, quatro tiveram câncer mama, e outras quatro já constataram o aparecimento de nódulos, benignos, mas que precisam ser monitorados. Por isso, desde cedo Márcia se preocupou em consultar um mastologista e fazer o check-up anual. A primeira vez que descobriu uma anormalidade nas mamas foi com 30 anos, durante os exames de rotina. Dessa vez não era maligno. Mas cinco anos depois, o quadro era diferente.

“Em 2006 apareceu de novo, e já apareceu um nódulo maligno. Graças a deus, pela parte genética, eu sempre tive muita informação na família. Fiz todo o tratamento, cirurgia, radioterapia. Só que em 2007 veio uma recidiva e em 2008, outra”. Recidiva (recorrência) significa “está acontecendo de novo”. É quando a doença

you se penaliza, se fica com a energia baixa, outras doenças aparecem e acabam te derrubando”. Sobre a importância do diagnóstico precoce, sendo um caso em que o câncer se manifestou cedo (75% a 80% dos casos ocorrem em mulheres com mais de 50 anos), Márcia questiona a orientação médica que recomenda exames anuais a partir dos 35 ou 40 anos. “Não concordo com isso. Porque hoje o câncer não tem mais idade. Você vê jovens com vinte e poucos anos com câncer, mesmo sem caso nenhum na família. É preciso diminuir esse tempo”.

Para mulheres que, como ela, descobriram que têm a doença, Márcia deixa um recado. “Não tenham medo, não deixem de acreditar. Se tratem, tenham fé. Porque é muito bom viver. A gente precisa levantar a cabeça e dizer: puxa, tem tantas coisas difíceis que a gente passa nessa vida. Por que a gente não vai passar por mais essa?”.

FCEE recebe consultoria para o desenvolvimento da instituição

Visitas do psicólogo e professor cubano Arsênio Carmona Gutierrez têm como objetivo propor alterações na estrutura e funcionamento das Gerências vinculadas à Depe



Nos meses de outubro (22 a 26), novembro (19 a 23) e dezembro (10 a 14) deste ano a Fundação Catarinense de Educação Especial recebeu o psicólogo e professor cubano Arsênio Carmona Gutierrez para a atividade intitulada “Consultoria da perspectiva histórico-cultural para o desenvolvimento institucional da FCEE”, que tem como objetivo propor alterações na estrutura e funcionamento das Gerências vinculadas à Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão (Depe) e dos Centros subordinados a ela. Para tal, são observadas questões como elegibilidade, fluxo, proposições pedagógicas e reabilitatórias, definição de papéis da direção técnica, dos gerentes, dos coordenadores, supervisores e integradores.

Até o final das visitas (serão cinco até 2013) o consultor terá passado por todos os setores vinculados à Depe. A integradora de educação especial Maria Stela Sumiensi, da Gerência de Capacitação, Extensão e Articulação (Gecea), explica que a cada vinda Carmona faz relatórios parciais do

que foi observado, já com propostas de alterações. O encerramento da consultoria está previsto para o dia 22 de fevereiro de 2013, com a entrega de um relatório final que será apresentado à equipe diretiva da Fundação.

Na primeira visita, em outubro, Carmona esteve em quatro dos dez Centros de Atendimento Especializado da FCEE: Centro de Educação e Vivência (Cevi), Centro de Ensino e Aprendizagem (Cenap), Centro de Educação e Trabalho (Cenet) e Centro de Avaliação e Encaminhamento (Cenae). Em novembro, passou novamente nesses centros para dar continuidade à avaliação inicial, e também no Centro de Reabilitação Ana Maria Phillippi (Cener). Em dezembro, segue a consultoria nos outros Centros.

Em entrevista, o professor explica que estas primeiras visitas, que configuram a fase inicial do assessoramento, servem para a obtenção da informação necessária para uma posterior avaliação integrada da FCEE. Acompanhe a seguir as primeiras impressões de Carmona sobre a FCEE.

Como está sendo a receptividade dos profissionais?

Muito boa. Percebo a preocupação e o interesse em incorporar novas concepções, em desenvolver novas metodologias e em oferecer os critérios e as experiências que eles têm acumulado. Pois uma assessoria não é uma atividade apenas direcionada de quem assessoria para os supostos assessorados. Na verdade é uma troca, um intercâmbio, e está sendo muito produtivo.

Nessas impressões iniciais, você já está apresentando algumas sugestões?

Sim. A primeira delas, a necessidade de aprofundar a identificação da correspondência que deveria existir entre as características da demanda que atualmente a instituição está abordando e sua estrutura organizativa, os recursos disponíveis, tanto humanos quanto materiais e financeiros, e a integração entre as diferentes áreas,

visto que a problemática da deficiência e do atendimento às necessidades educacionais especiais tem evoluído progressivamente com predomínio das deficiências múltiplas. Isso explica necessariamente a consolidação do trabalho em equipe e da abordagem interdisciplinar.

Outra questão é a necessidade de encontrar alternativas que viabilizem a articulação da atividade que se realiza dentro da instituição com a finalidade que a instituição tem extensivamente para toda a rede educacional de Santa Catarina. Ou seja, há uma série de problemáticas em que a FCEE necessariamente precisa se aprofundar para consolidar um processo de pesquisa, de desenvolvimento de metodologias e de tecnologias que possam, pelas suas características, pela sua adaptabilidade, pela sua diversificação, serem transferidas e estendidas para todo o sistema educacional.

Quais são as suas expectativas quanto aos resultados da consultoria?

Primeiro, consolidar uma concepção sobre a integralidade do atendimento às necessidades do deficiente. Tanto do ponto de vista físico quanto psicológico, pedagógico e social. A segunda questão é o desenvolvimento de uma série de conhecimentos e habilidades básicos que possibilitem que as equipes de trabalho possam assumir uma postura de autocapacitação permanente.

Há certa tendência nos profissionais de que, para aprender e se atualizar, tecnicamente precisam depender de um curso, de um seminário. Em momentos iniciais, sem dúvida. Mas hoje, com as novas tecnologias da informação e comunicação, não tem que existir uma dependência absoluta de modalidades de ensino tradicional. Porque estamos falando de profissionais que já têm uma formação e experiência profissional e que devem ser capazes de ir fazendo suas próprias pesquisas, sistematizando seus estudos, para serem capazes de usufruir melhor as outras atividades que as tecnologias não resolvem. Porque elas podem transmitir experiências, mas como se trabalha com um deficiente, como se interage com ele, como isso se impregna de uma significação afetiva, uma concepção de cidadania, de valores sociais, não tem computador que dê. Esse conhecimento só se apropria mediante o trabalho compartilhado.

Você destacaria o incentivo à capacitação permanente para o desenvolvimento institucional?

Sim. A assessoria, no futuro, deveria se concentrar nos aspectos formativos, enquanto que os elementos informativos possam ser resolvidos através de procedimentos de estudo individual. Para isso, a instituição tem que ter uma política de desenvolvimento de seus recursos humanos, de qualificação de profissionais, de maneira que se garanta a eles uma atualização bibliográfica sistemática, com acesso a determinados periódicos. E necessariamente é preciso mudar sua concepção e superar as manifestações que ainda se tem sobre o que foi a antiga política de atendimento assistencialista para vir a ser uma instituição de pesquisa e desenvolvimento teórico e metodológico na área da deficiência e da reabilitação.

De que forma são realizadas as intervenções nos Centros de Atendimento?

Mostrando aos profissionais alternativas metodológicas que existem sobre a forma de trabalhar com o deficiente, sobre a aplicação de critérios de avaliação, sobre a identificação do desenvolvimento potencial. Antigamente

o especialista realizava um diagnóstico e esse diagnóstico se considerava uma etiqueta definitiva. Hoje não é assim. Você faz uma avaliação inicial e você diagnostica para intervir, não para classificar. E você tem que ter conhecimento das alternativas e das possibilidades de intervenção, aspectos que antes ficavam dissociados. É preciso abordar o diagnóstico como um processo. Até porque a deficiência múltipla não é igual a uma deficiência específica. É muito diferente quando você vai avaliar essa deficiência, como vai apontar quais incapacidades ela provoca.

Pode dar um exemplo?

Você tem o caso do Lula, que perdeu dois dedos, mas mesmo assim chegou à presidência. Se ele tivesse sido violinista, sua vida profissional acabava, pois sem os dedos não poderia tocar violino. De qualquer forma, ele continua sendo deficiente, mas seria avaliado como descapacitado? Que capacidades perdeu e que desvantagens foram criadas a partir da deficiência? Essas respostas dependem da singularidade de cada indivíduo e de como ele está inserido em um estilo de vida. Por isso, o diagnóstico não pode estar fechado a observações pontuais. Tem que ser um processo em que se faz uma série de intervenções situacionais para avaliar tanto a capacidade real que o indivíduo tem agora quanto a sua potencialidade de evoluir e de passar para um quadro diagnóstico diferente no futuro. Tudo isso faz do diagnóstico um processo que leva um período de tempo e um planejamento de ações.

Qual é a próxima fase da consultoria?

Vamos apresentar uma primeira versão dessa avaliação, que passará a ser discutida com um grupo configurado aqui dentro da FCEE. Então, buscaremos chegar a um consenso sobre as contribuições que esta assessoria pode realmente oferecer e, sobretudo, contribuir para a introdução dessas recomendações dentro do desenvolvimento futuro da instituição.

Arsênio Carmona Gutierrez é doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e especialista em Reabilitação pelo Centro Nacional de Reabilitação Júlio Diaz, Havana (Cuba). Hoje atua como professor adjunto do Departamento de Ciências da Educação da Universidade Estadual Santa Cruz (Bahia). Tem vasta experiência na área da educação especial, tanto no aspecto pedagógico quanto reabilitatório. Atua como assessor de pesquisa em serviços de saúde e metodologia, é assessor científico, membro da comissão de expertos do Programa de Especialização em Medicina Geral Integral, membro do corpo editorial em instituição de ensino superior, entre outras atividades.

Tecnologia para a inclusão

Conheça os serviços oferecidos pelo Centro Tecnológico de Educação Especial (Cetep) da FCEE, com foco na disseminação do conhecimento de tecnologias assistivas e educacionais

O Centro Tecnológico de Educação Especial (Cetep) da FCEE tem como objetivo ampliar, modernizar e democratizar os recursos tecnológicos



no âmbito da educação especial. Anteriormente desativado, o Cetep foi reimplantado este ano pela Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão (Depe) e recebeu novos serviços, por meio dos quais busca proporcionar condições para que os usuários com deficiência, condutas típicas e altas habilidades possam experimentar com maior independência e autonomia a tecnologia, disponibilizando vários recursos que visam ao aprimoramento da relação de ensino-aprendizagem. O foco de suas atividades está na capacitação de profissionais tanto na área da tecnologia assistiva quanto educacional.

Na coordenação do Cetep está a professora Márcia

Cristina Martins, uma apaixonada por tecnologia. “É preciso informar o professor, capacitá-lo, mostrar as ferramentas disponíveis. Hoje em dia,

quem não usa a tecnologia no seu cotidiano e principalmente na sala de aula fica para trás. E os nossos usuários têm direito à introdução digital”, destaca. Ela conta que a equipe está sempre em busca de novidades para apresentar aos profissionais. “Pode ser um site, um vídeo, um jogo. Estamos sempre nos atualizando”. A equipe do Cetep é formada por uma pedagoga, um professor articulador da sala informatizada, uma professora articuladora do Salto para o Futuro/TV Escola, uma secretária, um soldador, uma costureira e uma terapeuta ocupacional.

Atualmente, o Centro é responsável por seis serviços:

Capacitação/Educação a Distância (EaD)

Segundo José Moran (1994), “educação a distância é o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, onde professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente”. Para auxiliar a aquisição de conhecimentos dos profissionais de educação por meio desta metodologia, o Cetep realiza capacitações utilizando a interface customizada pela Secretaria de Estado da

Administração, a Escola de Administração Pública/Deap Virtual (<http://deapvirtual.sea.sc.gov.br>), que tem como base a plataforma Moodle, a qual oferece um ambiente virtual de aprendizagem. No segundo semestre deste ano, o Cetep ofereceu um total de seis capacitações e coordenou outras oito, sob solicitação de Centros e Gerências da FCEE.

Salto para o futuro/TV Escola

A TV Escola é um canal do Ministério da Educação elaborado para servir como fonte de conhecimento e aprendizagem para educadores e educandos. Um dos programas de sua grade é o Salto para o Futuro, dirigido especialmente à formação continuada de professores do ensino fundamental e médio, atendendo também a temas

de interesse para a educação infantil. O Cetep conta com um acervo de mídias desse programa e de outros materiais da TV Escola, que são utilizados para capacitar docentes e orientá-los para o uso de tais mídias em sala de aula. Este serviço foi articulado pela FCEE com a Secretaria de Estado da Educação (SED) e implantado em 2008.

Sala Informatizada

A Sala Informatizada foi implantada na FCEE por meio do Programa Nacional de Tecnologia Educacional (Proinfo), que visa à promoção do uso pedagógico da informática na rede pública de ensino.

O Proinfo leva aos centros de ensino computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais. Em contra-

partida, estes devem garantir a estrutura adequada para receber os laboratórios e capacitar os educadores para uso das máquinas e tecnologias. É uma das funções do Cetep garantir essa contrapartida, discutindo com educadores como se dará o acesso dos educandos às diferentes mídias.

Videoconferência e Webconferência

Uma webconferência é uma espécie de reunião online que acontece em uma sala virtual, por meio de um software que permita compartilhar ambiente de trabalho e documentos pela internet. O ambiente de webconferência utilizado pela FCEE é o do Governo do Estado, através da Diretoria da Escola de Administração Pública (<http://deapweb.sea.sc.gov.br>). Da mesma forma, por meio da videoconferência, é possível realizar reuniões

entre pessoas localizadas em diferentes locais, em tempo real, como se estivessem na mesma sala. Os participantes podem conversar uns com os outros e visualizarem-se através de uma tela. Este sistema permite todas as opções de apresentação e intercâmbio de informação que são possíveis em reuniões presenciais. Neste ano, o Cetep realizou sete webconferências e quatro videoconferências agendadas pelas Gerências e Centros da FCEE.

Pesquisa e produção de equipamentos e acessórios adaptados

Por meio deste serviço, o Cetep realiza avaliação, prescrição e produção de tecnologias assistivas, além da orientação ao usuário para a utilização desses recursos que objetivam contribuir com a promoção de maior independência, qualidade de vida e inserção social da pessoa com deficiência. O trabalho realizado é bastante vasto e atende a demandas de todo o estado. De agosto a

novembro de 2012, o Cetep realizou 473 serviços de pesquisa e produção de equipamentos e acessórios adaptados, tanto para usuários e servidores da própria FCEE quanto para instituições conveniadas. Além desses, foram entregues 27 cadeiras adaptadas para quatro Centros de Atendimento Especializados da Fundação no mesmo período.

Biblioteca

O Cetep é responsável pela administração e informatização da Biblioteca da FCEE, que ainda não está em funcionamento porque depende da contratação de profissio-

is especializados. Porém, o sistema online para a consulta ao acervo já existe, e foi desenvolvido a partir do software livre BibLivre.



Equipe do Centro Tecnológico de Educação Especial da FCEE, que é composta por oito servidores, e o Diretor de Ensino, Pesquisa e Extensão, Waldemar Carlos Pinheiro (à direita).



Da esq. para a dir.: Luciana Staut, terapeuta ocupacional do Cetep, Cláudia Tavares, coordenadora do Centro de Educação e Vivência (Cevi), Márcia Martins e Evelise Ferreira, pedagoga do Cetep, em mais uma entrega de cadeiras adaptadas.

Blogs

Registrar atividades, anunciar eventos, compartilhar novidades, disponibilizar arquivos, fotos, vídeos. Essas são algumas das utilidades dos blogs mantidos pelo Cetep. São três: o oficial do Centro (cetep2012.blogspot.com.br), o da Sala Informatizada (sifcee.blogspot.com.br) e o do programa Salto para o Futuro/TV Escola (tvescolasaltofcee.blogspot.com.br). Segundo a coordenadora Márcia Martins, “nossos blogs servem como nossa agenda diária, ou seja, todas as ações e informações do Cetep estão relatadas na web. Qualquer pessoa pode acessar e colaborar, nos deixando sugestões e contribuições”.



Bocha Paralímpica e Capoeira Especial

No mês de dezembro a Fundação sediou, pela primeira vez, o Circuito Catarinense de Bocha Paralímpica, realizando no ginásio de esportes a quarta e última etapa da competição, junto ao I Festival de Bocha FCEE. O evento, que aconteceu no dia 7, contou com a participação de atletas de cinco municípios: Jaraguá do Sul, Pomerode, Lages, Balneário Camboriú e São José. “O nosso objetivo é disseminar cada vez mais essa modalidade voltada para pessoas com pouco desenvolvimento motor”, destaca o coordenador do Centro de Educação Física (Ceduf) da FCEE, Jefferson Seeber. “Quem quer participar, que nos procure. O Ceduf está à disposição”, completa. Dos nove medalhistas do Circuito, seis são atletas da FCEE.

Em outubro, no dia 30, a FCEE, por meio do Ceduf, realizou outro evento que reuniu vários atletas do estado: o Encontro Catarinense de Capoeira Especial, que contou com a participação de cerca de 130 representantes das Apaes de Brusque, Biguaçu, Nova Veneza e São José, além do Centro de Educação Infantil (C.E.I.) São José II.

Grupos de estudo da FCEE debatem temas relacionados à educação especial

Um total de 271 técnicos ligados à Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão (Depe) participam, desde o início de setembro, de 13 grupos de estudo que têm como objetivo aprofundar conhecimentos sobre temas definidos pela Gerência de Capacitação, Extensão e Articulação (Gecea). Segundo Maria Stela Sumiênski, integradora de educação especial, essas temáticas foram escolhidas com base na análise das lacunas e necessidades da FCEE e demandas do estado. “Além do aprimoramento do trabalho realizado aqui e da integração entre os profissionais, os estudos também têm o intuito de preparar os servidores para a docência”, destaca.

Os grupos se encontram três vezes ao mês e os próprios integrantes são responsáveis pela busca de materiais para os estudos. “Eventualmente eles podem soli-

ciar o assessoramento de profissionais externos para os debates. Para isso, contam com a articulação e o apoio da Gecea”, explica Stela. Com ações como essa a FCEE vai ao encontro de sua missão, que é “fomentar, produzir e difundir o conhecimento científico e tecnológico referente à educação especial”.

Cada grupo trata de um tema e possui cerca de 20 integrantes. Temáticas desenvolvidas: Elaboração Conceitual; Políticas Públicas; Transtorno Global de Desenvolvimento; Deficiência Múltipla; Educação Profissional; Desenvolvimento Infantil; Língua Portuguesa como segunda língua; Atividade física adaptada; Deficiência e Envelhecimento; Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade; Avaliação Funcional da Visão; Avaliação Diagnóstica; Enriquecimento Curricular.

Foto: Angélica Rupniewski



► No dia 26 de outubro o Centro de Educação e Vivência (Cevi) da FCEE realizou o III Festival de Valores no auditório da Fundação. Foram duas apresentações, uma pela manhã e outra à tarde, que animaram e emocionaram a plateia pelo empenho da equipe e capricho dos figurinos. O tema deste ano foi “alegria”.

Grupos de trabalho promovem troca de experiências e aperfeiçoamento profissional

Buscando a integração de profissionais dos diferentes Centros de Atendimento Especializado da Fundação, estão sendo realizadas desde setembro reuniões dos Grupos de Trabalho organizados pela Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão (Depe). Ao total, são seis grupos, cada um voltado a uma especialidade: Psicologia, Serviço Social, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Pedagogia e Fonoaudiologia.

Em encontro quinzenais com duração média de uma hora e meia, os participantes discutem questões relacio-

nadas ao trabalho desenvolvido na FCEE.

Para Waldemar Carlos Pinheiro, diretor da Depe, a organização dos servidores de uma mesma especialidade em grupos leva à qualificação profissional, pois por meio de relatos e de debates acerca das práticas cotidianas eles têm a oportunidade de aprender. “Como principal benefício podemos citar o aperfeiçoamento profissional resultante da troca de experiências”, destaca.

Segundo a Depe, cerca de 40 profissionais participam das reuniões.

Expediente Informativo FCEE

Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE) | CNPJ Nº 83 900 522/0001-77 | Rua Paulino Pedro Hermes, 2785 | Bairro Nossa Senhora do Rosário São José | SC | CEP 88108-900 | Fone (48) 3381-1600 | fcee@fcee.sc.gov.br | www.fcee.sc.gov.br | Presidente: Rosemeri Bartuchski | Diretor Administrativo: Leandro Domingues | Diretor de Ensino, Pesquisa e Extensão: Waldemar Carlos Pinheiro | Informativo produzido pela Assessoria de Comunicação da FCEE | Jornalista responsável: Carolina Teixeira Weber JP 0013080/RS | Sugestões de pauta: imprensa@fcee.sc.gov.br | (48) 3381-1693